Acervo ISA

YAR 0/718

Índio ianomami vive drama da extinção

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA
Especial para a Folha

Em 1563, as aldeias em que os jesuítas haviam aldeado os índios da costa do Brasil foram dizimadas por toda a sorte de doenças. Os índios doentes não conseguiram abrir roças ou caçar. A fome e a epidemia alimentavam-se mutuamente. Morreram índios aos milhares. Os sobreviventes vendiam-se a si mesmos em escravidão para não morrerem de fome.

Esse mesmo quadro repetiu-se, Brasil adentro, ao longo dos séculos. Hoje, estamos na última fronteira. Os ianomami, até há pouco a salvo nas serras de Roraima, tiveram a desgraça de terem minérios debaixo dos pés. Esses minérios, que foram enterrados em certo momento da criação do mundo ianomami, exalam, ao serem trazidos à luz do dia, uma fumaça deletéria que traz doença e traz morte. Morrem homens, mulheres, crianças e velhos. E morrem também os shabori, os pajés que lutam para impedir o fim do mundo.

Quando morre um shabori, seu espírito auxiliar, zangado de ter ficado órfão, corta liames que seguram o céu. Os outros shabori têm que lutar para impedi-lo de fazer desabar a abóbada celeste. Mas se morrerem todos os pajés ianomami, quem segurará o céu? "O mundo é um só", diz Davi Ianomami, ele próprio um shabori, ganhador do prêmio Global da ONU de 1989: no dia em que acabarem todos os pajés, morreremos todos, esmagados.

Enquanto isso, garimpeiros às dezenas de milhares invadem a área ianomami: a justiça reconhece a ilegalidade dessa invasão e cria-se em cima dela um embate inédito entre o judiciário e o executivo: Romeu Tuma é ameaçado de prisão por tentar negociar o inegociável, recolocando os garimpeiros em áreas indígenas. O Presidente da República e vários ministros seus são inquiridos pelo Ministério Público Federal.

Quem são os ianomami? Que sociedade é essa, que cultura é a sua? Como reagem à catástrofe que os acomete? Um antropólogo francês, Bruce Albert, trabalha entre os ianomami desde 1975. Como todos seus colegas antropólogos, como os médicos também, ficou proibido de voltar à área desde a invasão garimpeira. Ele voltou recentemente de uma visita aos ianomami, acompanhando uma equipe médica de emergência. Esses índios, de quem ele admira acima de tudo o senso de humor, estão hoje morrendo. Com eles, morre uma sociedade, uma sabedoria, um acervo de conhecimentos da natureza e do mundo, elaborados ao longo de séculos. Bruce Albert ajudou-nos a entrevistar o ianomami Davi Kopenawa, e cedeu para a **Folha** *versões inéditas de mitos ianomami que relatam o início do universo, e prevêem seu fim [leia na página ao lado] . Os ianomami, diz ele, têm uma teoria do big bang, dos instantes iniciais do universo. E têm, na sua escatologia, uma versão do efeito estufa, de um aquecimento catastrófico em consequência da morte dos pajés. É uma forma de ecologia cosmológica e política.*

★

Manuela da Cunha - Por que o shabori é importante?

Davi Kopenawa - Eu sou shabori, aprendi a fazer shabori. O shabori, ele é muito importante para o mundo inteiro, para todo o mundo, não é só para o índio não. Quando chove muito, eles fazem trabalho para não afundar esta terra.

Manuela da Cunha - E o ouro?

Davi Kopenawa - O ouro não. Nós chamamos de shawara. O ouro é um veneno. Sai fumaça do ouro para envenenar a cidade, envenenar a floresta. O ferro, cassiterita, látex, gasolina, fábrica de avião, de carro, de bomba atômica, de satélite, esse vira doença. Vocês falam de Aids, pois a fumaça da fábrica de ouro é que faz a Aids. Ninguém vê essa fumaça, mas ela contamina no ar, na água, a pessoa fica doente, com tuberculose, é a fumaça de ouro, de ferro, do minério. É por isso que nós estamos trabalhando, defendendo os ianomami e todos os homens.

Manuela da Cunha - O que acontece quando o pajé morre?

Davi Kopenawa - O que vai acontecer quando morrerem todos os ianomami, quando os ianomami morrerem todos, quando já não tiver nem velhos nem crianças, nem cachorros, quando morrer o último pajé, aí vai se ver a força do shabori, a força do pajé, o mundo vai quebrar como se quebra uma bola, um balão, pá, então vamos pagar pelos pajé que estão morrendo agora, por causa da malária, por causa de garimpo.

Nós queremos mostrar que ele, o shabori, pode segurar a terra. Quero que vocês expliquem para aqueles que não prevêem nada, não sonham com nada. Quero que vocês ensinem os filhos de vocês para eles preverem para eles e para os filhos deles. Isso é importante não é só para os índios não, é para os brancos, pretos, amarelos, encarnados. Vocês falam que o mundo inteiro é uma bola. É. A terra é uma só, a lua é uma só, o sol é um só. Por isso, todos precisam do shabori, é ele quem segura essa terra. A nossa tradição é muito diferente, o nosso pensamento é muito diferente. É o mais limpo que tem. Nós somos o povo de Omam, por isso nos chamam de ianomami.

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA é professora de antropologia na Universidade de São Paulo e representante da comunidade científica no Conselho Deliberativo do CNPq. Foi representante da SBPC na visita da Ação Pela Cidadania à área ianomami, em junho de 1989

Tragédia começou nos anos 70

RICARDO ARNT
Da Reportagem Local

A tragédia dos ianomami é o primeiro genocídio anunciado e documentado do Brasil. A Comissão Pela Criação do Parque Ianomami (CCPI) advertia sobre os riscos do contato com os índios desde os anos 70. Em 1975, o projeto Radam-Brasil revelou a existência de minerais preciosos no território ianomami. Os garimpeiros invadiram a região. Em 1985, o governo interditou 9,4 milhões de hectares para os índios. Mas em agosto de 87, com a vibrante participação do empresariado de Boa Vista, os garimpeiros invadiram, em massa. A CCPI e as missões foram expulsas da região. Em setembro, a Funai reduziu o território ianomami em mais de 80%, criando um arquipélago de 19 "áreas indígenas", descontínuas.

O governo transgrediu a definição constitucional de terras indígenas e não cumpriu o dever de demarcá-las e protegê-las. O garimpo, as pistas clandestinas e o tráfego aéreo são ilegais. O ouro é contrabandeado e não gera arrecadação para o poder público. A garimpagem degradou igarapés e rios, derrubou florestas, afugentou a caça. Provocou conflitos. O impacto na saúde foi o que se previa. Grassam a desnutrição, as epidemias de malária e as enfermidades desconhecidas na área. O Plano Emergencial de Atenção à Saúde Ianomami (Peas), lançado pelo governo, em janeiro, observou 1.682 índios e constatou 243 mortes nos últimos dois anos —um índice de mortalidade de 12,6%. Do total dos 10 mil ianomami brasileiros estima-se 1 mil a 1,5 mil mortos. Se isso não é genocídio, é o quê?

Um tremento esforço foi feito para sensibilizar a sociedade. Mexeram-se índios, indigenistas e ambientalistas. Protestos no exterior. A Justiça federal e o ministério público reagiram. O presidente mandou o delegado Tuma retirar os garimpeiros, mas ele fez acordo: criou reservas de garimpagem, assentadas, em parte, em área indígena interditada. O ministro Saulo Ramos preferiu processar jornalistas franceses por omissão de socorro aos índios. Dos 45 mil que, supostamente, invadiram Roraima, não foram retirados mais do que 5 mil. Mas o Plano Collor e a queda do preço do ouro estenderam a sobrevida dos ianomami.

Davi escreve a todos os povos da Terra

Trechos da carta entregue pelo líder Davi Ianomami, da aldeia do Demini, Roraima, ao ex-presidente José Sarney, em 1º de setembro de 1989.

★

DAVI IANOMAMI

(...) Eu sou ianomami. Nós ianomami pensamos que o homem branco era bom para nós. Agora eu estou vendo que é a última invasão da terra indígena, as outras já estão todas invadidas. Chegaram para tomar a nossa terra. Estão tomando.

A mesma coisa aconteceu lá fora com outros irmãos índios, na América; agora acontece aqui na nossa terra. O governo não deveria fazer isso. Ele sabe que nós somos os brasileiros mais antigos, que nascemos aqui, que nos chamamos ianomami.

★

Ele diz que nós vamos morrer de fome se fechar o garimpo. Se eles não pararem de garimpar, nós vamos sim morrer de fome. Mas se parar o garimpo, nós plantamos macacheira, banana, cará, taioba, mamão, cana, pupunha, e ninguém morre de fome. Nós ianomami queremos nossa terra própria. Não queremos acabar com nossos costumes. Até hoje não perdemos nossa língua e a terra, por isso esta luta. Esse governo é nosso chefe, mas não está fazendo bem para o povo brasileiro viver em paz.

★

O governo diz que a terra não é nossa. A gente pode pescar, fazer roçado, caçar longe, usar lago, rio. Ele diz que estamos usando terreno do governo; mas a terra é nossa, a gente sabe há muitos anos. O governo não é bom. A gente briga, briga, mas ele não dá. Por isso está custando a demarcação, por isso ele não quer demarcar a terra ianomami. Dentro da terra ianomami tem muitas coisas que eles querem usar: tem minério, tem ouro, tem cassiterita, tem madeira, dá para plantar.

★

Nós ianomami estamos morrendo por causa de doenças, malária, gripe, disenteria, doenças venéreas, catapora e outras doenças que índio não conhecia, trazidas pelos garimpeiros que vêm de fora. Essas doenças de índio pajé pode curar, mas de branco a gente não pode curar.

★

O governo retalhou a nossa terra, dividiu em pequenos pedaços. A Floresta Nacional é nossa terra também, e as ilhas não servem para nada, só para enganar os índios, para deixar eles presos como porcos no chiqueiro. Nós Ianomami queremos uma área única e contínua, para nosso povo, para poder viver em paz, sem briga com o governo, com os militares, com os garimpeiros, com ninguém; não queremos invadir a terra dos outros. Ianomami respeita a terra dos brancos.

★

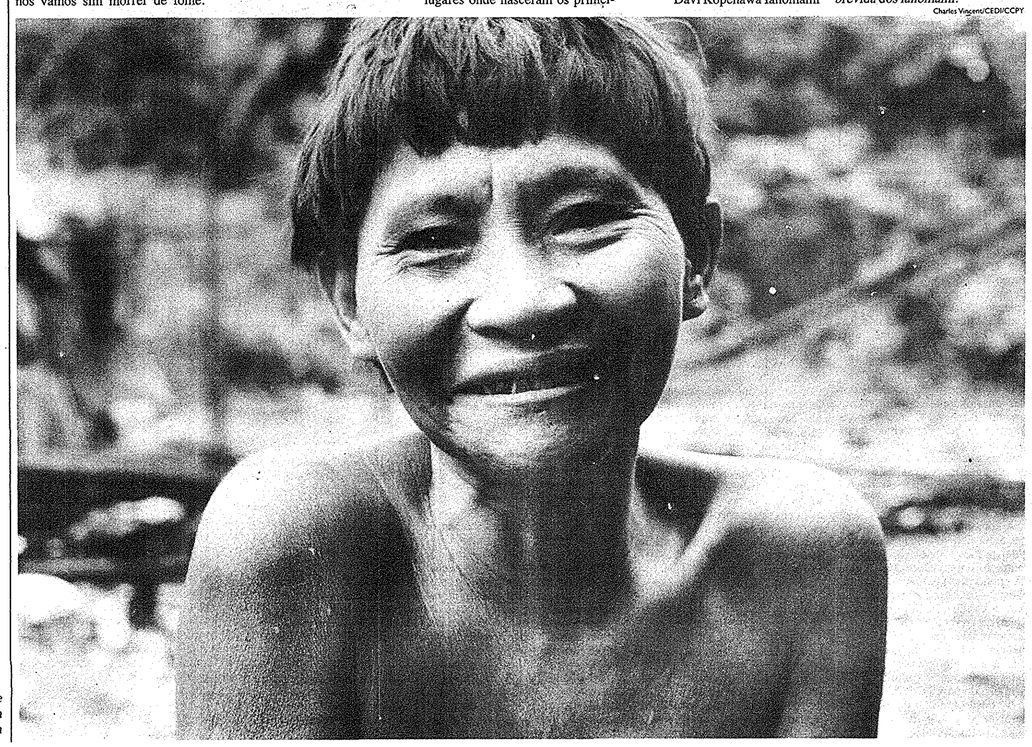
As serras são lugares sagrados, lugares onde nasceram os primeiro Ianomami, onde as suas cinzas foram enterradas. Os nossos velhos deixaram seus espíritos nesses lugares. Nós Ianomami queremos que as serras sejam respeitadas, não queremos que sejam destruídas. Queremos que esses lugares sejam preservados para não acabar com nossa história e com nossos espíritos (...). Omam é muito importante para os índios Ianomami, os Makuxi, os Wapixana, e todos os brancos, todos os negros: ele deu origem a todos, ao mundo inteiro. Por isso é muito importante preservar as serras onde o espírito dele mora.

★

Nós Ianomami queremos os brancos ao lado dos índios para não deixar invadir nossa terra. Nós queremos que os brancos ajudem a defender, para não prejudicar nossas vidas. Eu Davi Kopenawa Ianomami quero ajudar os brancos a aprenderem conosco para fazer um mundo melhor.

Boa Vista, 31 de agosto de 1989
Davi Kopenawa Ianomami

Charles Vincent/CEDI/CCPY



Índia ianomami de nome desconhecido sorri para a câmera fotográfica

Notas (mito 1):

1. Esse texto foi editado a partir de três narrativas contadas por Ikahi em 1979, com comentários de Arianame.

2. Omam é o demiurgo ianomami, criador do mundo de hoje e da humanidade ianomami.

3. Povo-mosca sobrenatural, também chamado de Warusimaribe, no qual os fantasmas ianomami se transformam após sua morte (mroo é o nome da mosca Mesembrinelli bicolor). Os ianomamis concebem o universo como consistindo de quatro camadas, de cima para baixo, o "céu jovem", o céu, "este nível" (terra) e o "velho nível" (o submundo). A forma atual dessa estrutura se deve ao cataclismo primordial descrito nessa narrativa, no qual todos os níveis são rebaixados em um degrau: o antigo "céu jovem" se transforma no céu de hoje, o antigo céu se transforma na atual terra, a antiga terra no atual submundo.

4. Os ianomami dizem que o cacaueiro (Theobroma cacao) recebeu sua forma atual quando se curvou debaixo do peso do céu primordial, que descansava em cima dele.

5. Os ianomami localizam o lugar onde o céu primordial pousou sobre o pé de cacau no sul da Serra do Parimã (alto rio Parimã, bacia do Rio Branco).

6. Amazona farinosa. Esse papagaio, o maior da Amazônia, tem um bico muito forte, e conta-se que ele gosta de pousar no alto das maiores árvores.

7. Os ianomami localizam a ponta superior (rio acima) da terra no sentido do pôr do sol, e a ponta inferior (rio abaixo) no sentido do nascer do sol, sendo que seu próprio território se situa no centro do nível terrestre.

8. A maioria das narrativas ianomami se referem a essas transformações animais dos antepassados mitológicos como resultado de maus comportamentos vistos como inversões das normas culturais atuais.

9. Literalmente, "fazer das cinzas funerárias o objeto de um diálogo cerimonial de troca".

Notas (mito 2):

1. Esse texto foi editado a partir de uma única narrativa contada por Ikahi em 1979, com comentários de Hiko (um habitante do mesmo local).

2. Segundo Hiko seu nome era Aheramasi.

3. Uma alusão à atitude comum à coreografia xamânica, elevando os braços acima da cabeça.

4. A memória mítica e histórica ianomami é organizada com referência a uma trajetória do oeste (rio acima, terras altas) ao leste (rio abaixo, terras baixas), na camada terrestre. Para Ikahi, "aqui" (isto é, as terras baixas) quer dizer "no presente", em oposição a "na nascente do rio", isto é, no passado.

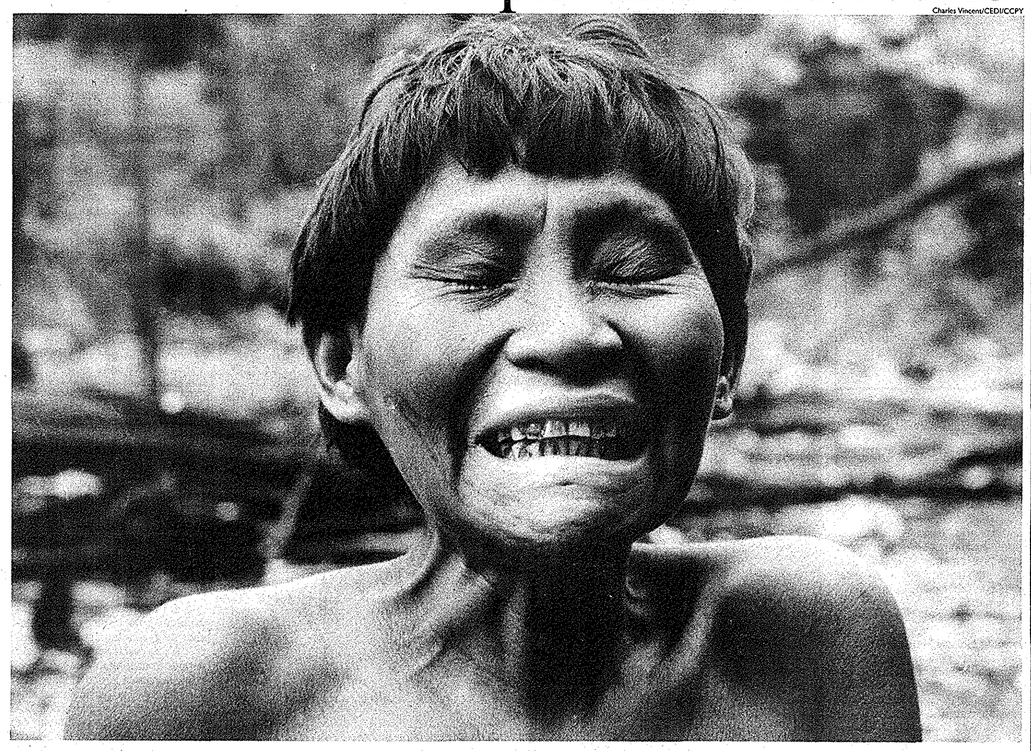
5. Diz-se que o xamã é pai de seus espíritos ajudantes. Os ianomami dizem que quando morrem os grandes xamãs, seus espíritos ajudantes, transformados em órfãos, ainda cortam o céu, até hoje. Eles dizem que, quando temporais muito fortes parecem fazer o céu "rachar", isso anuncia a morte de um grande xamã de uma aldeia distante e geralmente eles realizam uma sessão xamânica especial para ajudar a apoiar a camada do céu.

6. Os ianomami dizem que o céu, que é muito velho e que é muitas vezes cortado pelos espíritos xamânicos tornados órfãos, está em mau estado. Eles o comparam ao telhado ou às paliçadas consertadas de uma velha casa coletiva.

7. Os ianomami dizem que a camada do céu fica segura no alto por contrafortes voadores localizados na extremidade do disco terrestre. Esses "pés do céu" estão, segundo contam, em mau estado, assim como o próprio céu, cobertos de fendas mal consertadas e se curvando sob o peso que sustentam.

Mitos ianomami explicam leis do cosmo

Charles Vincent/CEDI/CCPY



Índia ianomami, em foto de fevereiro deste ano, um dos períodos críticos para essa comunidade indígena

A QUEDA DO CÉU - Há muito tempo atrás, o céu caiu em cima da terra. Um grande xamã havia morrido, e seus ajudantes espíritos, quando perderam seu chefe, ficaram tão bravos que começaram a cortar o céu com suas armas sobrenaturais, fazendo com que se soltasse. O céu rasgado caiu por cima da terra, empurrando a floresta e as montanhas para dentro do mundo subterrâneo, "theeee!" As pessoas caíram amedrontadas, "aaaaaaa!" O sol e os espíritos da noite também caíram. Esse foi Omam (2) que mais tarde criou outro sol e outra lua. Esta terra onde hoje estamos não passa do fundo do primeiro céu, que foi substituído por um novo céu. Acima desse céu fica o nível celestial jovem, onde vive o Mrooribe (3). Por causa do céu ter caído, os primeiros ancestrais foram atirados no submundo, onde foram transformados em seres sobrenaturais, eles se tornaram Aobatarãbe, um povo canibal com dentes compridos. Mas nem todo mundo foi jogado no submundo quando o céu caiu. Algumas poucas pessoas ficaram.

Num lugar, onde hoje ficam as nascentes dos rios, o céu foi se assentando em cima de um pé de cacau (4), formando as montanhas que até hoje estão lá (5). Alguns ianomami correram para se abrigar debaixo do pé de cacau, para escaparem da queda do céu. Um papagaio (6) que estava com elas debaixo do céu, que pousou sobre o pé de cacau, começou a rasgar o céu com seu bico. No fim, ele conseguiu fazer um buraco, e através desse buraco as pessoas conseguiram sair. Isso foi quando as pessoas procuravam caça em vão, ainda não existiam bichos. Finalmente elas viram as árvores da floresta, e disseram umas às outras: "Esta é a verdadeira floresta! Estamos no peito do céu! Vamos nesta direção!" Elas saíram e se espalharam lá longe na floresta, onde plantaram jardins. Foi assim que aconteceu. Na ponta mais alta do céu caído, havia aquele grande buraco (7). Depois do céu ter caído sobraram só algumas poucas pessoas, que conseguiram evitar de serem atiradas no mundo inferior. Eles eram os anciãos. Eles se assentaram na floresta e ali viveram por algum tempo. Fizeram filhos e se multiplicaram, mas no fim desapareceram.

Seus fantasmas voltaram, mas um grande tinamu os espantou. Omam nos criou depois de rasgar o caule oco de uma palmeira, de comprido. Nós somos os filhos desse povo que ele criou. Omam só começou a existir, ele era um ser sobrenatural e nos criou sem causa, assim como ele mesmo se criou. As primeiras pessoas se transformaram à medida que a floresta se transformava; as pessoas que foram criadas primeiro se transformaram em animais quando esta terra foi criada, elas se tornaram papagaios, cotias, antas, jacarés. As araras, os veados vermelhos, as onças, os tucanos, os bichos-preguiça, os tatus que hoje vemos, são essas pessoas que foram transformadas naquela primeira época, e depois se espalharam em todas as direções, como caça. No início não havia animais. A carne que hoje comemos é dessas pessoas que foram transformadas em bichos, de nossos antepassados animais (8). Esses antepassados não sabiam muita coisa. Eles não enterravam as cinzas dos seus ossos. Eles costumavam se comer uns aos outros; cada vez que um deles era transformado, eles o matavam para comê-lo, do mesmo jeito que nós comemos a caça. Eles não faziam um diálogo cerimonial por cima das cinzas dos ossos (9); eles não observavam o luto; eles só se comiam uns aos outros. Era assim que nossos antepassados animais viviam, em sua ignorância. No fim eles desapareceram. Nós que hoje estamos aqui fomos criados por Omam e foi ele que nos fez pensar direito.

ESPÍRITOS XAMÂNICOS - Os espíritos ajudantes xamânicos de Aro cortaram a camada do céu quando ele morreu —esse céu que ainda está acima de nós— mas os espíritos ajudantes de seu irmão mais velho, que também era xamã, seguraram o céu quando estava prestes a quebrar. Não sei o nome do irmão mais velho (2). Aqueles dois irmãos eram grandes xamãs, os únicos grandes xamãs. Naquela época não havia muitos xamãs. Poucos xamãs levantavam seus braços (3), havia um, depois outro, assim. Quando um morria, outro homem permanecia e por sua vez se tornava xamã; depois ele morria e outro xamã jovem tomava seu lugar. Era assim que acontecia; havia xamãs assim, um depois do outro. Um homem era xamã, depois seu filho por sua vez se tornava xamã depois dele. Foi apenas aqui (4) que os xamãs se tornaram mais numerosos.

Eles eram dois irmãos. Eram os únicos xamãs, grandes xamãs. Aro, o mais moço, morreu, e depois só o mais velho permaneceu. Quando Aro morreu seus ajudantes espíritos ficaram furiosos com a morte de seu pai (5), e correram para o céu para despedaçá-lo. Eles subiram para o céu e começaram a cortá-lo, e haviam quase retalhado o céu quando os ajudantes espíritos do irmão mais velho intervieram para segurar o céu, para que ele não caísse. Esse céu ainda está aí, mas tem buracos em toda parte (6). Foi assim que o céu parou de quebrar. Os ajudantes espíritos de Aro ameaçaram arrebentar o céu mas isso foi da última vez, e no fim o céu não quebrou. Nos tempos mais antigos, outro céu já havia caído. Esse céu que está acima de nossas cabeças (7) foi impedido de cair pelos espíritos ajudantes do irmão mais velho de Aro, quando os espíritos ajudantes do irmão mais moço estavam tentando cortá-lo em pedaços. Eles ficavam dando golpes em todo lugar com seus facões e machados sobrenaturais, "thike wa' thike wa' thike wa'!" O céu começou a rachar, mas daí os espíritos ajudantes do irmão mais velho subiram até o céu, "oooooooooo!" Eles agarraram os espíritos que estavam cortando a camada do céu, "hue!", os seguraram um depois do outro, e tiraram suas armas, que jogaram bem longe. Assim o xamã mais velho interveio com seus espíritos ajudantes quando os de seu irmão mais jovem tentaram cortar o céu em pedaços. Os espíritos de seu irmão vieram correndo de todas as direções, mas seus próprios espíritos foram em direção a eles, os seguraram e os empurraram de volta. Assim eles pararam de retalhar o céu. A camada celestial, que ficou instável devido aos cortes, ameaçou rachar, mas outros espíritos ajudantes xamânicos pertencentes ao irmão de Aro fizeram todo o possível para manter os pedaços em seus lugares, e os trazer de volta para seus lugares. Levantando os fragmentos do céu quebrado, eles os apoiaram e os empurraram de volta para seus lugares, "thike! kre! tototototo!" Depois eles fecharam as rachaduras, dobrando as pontas e as apoiando com varas sobrenaturais de ferro (8), uma depois da outra, "shako! shako! shako!" Assim esse céu não caiu, mas está cheio de rachaduras que foram amarradas para se fecharem. Antes disso outro céu já havia caído pela primeira vez, e hoje é a camada da terra. O céu já havia caído e está aqui, debaixo de nossos pés. É isso. O céu que ficou está lá em cima, em seu lugar. Agora o céu não vai cair outra vez, pois já caiu e é isso! Agora ele só racha (9). Os espíritos xamânicos ajudantes de Aro cortaram o céu, mas outros o apóiam. O céu que substituiu o primeiro céu ainda está em seu lugar, e é esse céu que foi cortado pelos espíritos ajudantes xamânicos de Aro. Essas fendas no céu são o caminho de Aro; é o caminho que os espíritos xamânicos seguem hoje para alcançar o fundo do céu, seguindo as pegadas dos espíritos de Aro (10). Eles vão para lá constantemente para lutar contra os Trovões. Os espíritos xamânicos detestam a voz retumbante dos Trovões; eles a acham insuportável, e é por isso que brigam com os Trovões para fazê-los ficarem quietos.

OMAM CRIA A HUMANIDADE - Omam criou os ianomami, abrindo um caule de palmeira horomasike (2). Omam nos criou, nós que estamos aqui, abrindo um caule de palmeira de comprido, e depois ele nos fez pensar direito e daí fugiu: ele nos abandonou a ainda estamos aqui. Os ianomami que ele criou eram de início como ovos da formiga wayahome (3), escondidos dentro de um caule oco de palmeira. Omam ouviu um som incessante que vinha daquele caule de palmeira, o tipo que se usa para fazer zarabatanas (4). Ele ouviu com cuidado, chegou mais perto e cortou o caule para ver o que tinha lá dentro. Daí ele de repente rasgou o caule de comprido, "sheeeee!" Ele viu uma coisa que parecia ovos de formiga. Depois de colocar no chão algumas folhas grandes de inokomehanake (5), ele, com cuidado, fez os ovos caírem em cima das folhas, batendo de leve no caule da palmeira com o dedo. Depois ele fez os ovos se transformarem, pegando-os, dando-lhes o poder da fala e fazendo-os ficarem de pé como gente. Ele pegava um e dizia para ele, "Você! Você vai conduzir o diálogo cerimonial wayamu!" (6) Aí ele punha o ovo no chão, "hi' thike!", transformado num ianomami. Aí, ele continuava, pegando outro ovo: "Você! Você vai conduzir o diálogo cerimonial yaimu!" (7). E o faria ficar em pé. Ele pega outro: "Você! Você vai ser um xamã!" Pondo-o de pé, pegava outro: "Você! Quando você for enviado como mensageiro para convidar aliados para uma festa reahu (8), você vai conduzir o diálogo cerimonial hiimu (9)!" Assim ele continuou a colocá-los de pé e ensiná-los a falar (10), fazendo-os aumentar de número: "Você! Você vai conduzir o diálogo cerimonial wayamu! E você aí vai se tornar xamã! Você! Você vai fazer discursos de hwereamu!" (11)

Foi isso que Omam falou para eles. E não é verdade que desde aquela época existem xamãs entre os ianomami? Não é verdade que desde aquela época nossos ancestrais fazem discursos? Não é verdade que ainda conduzimos diálogos cerimoniais durante as festas reahu? Foi Omam que nos disse tudo isso. Desde aquela época nós ainda nos convidamos através de diálogos hiimu para fazermos danças de apresentação (12) durante as festas reahu. Foi assim que ele nos ensinou o poder da fala. "Você vai conduzir diálogos cerimoniais yaimu! Você será um xamã! Você vai cheirar o rapé yakoana (13); não é verdade que desde aquela época os ianomami ianalam esse pó? Foi Omam que ensinou os ianomami a pensar direito. Não é verdade que os ianomami praticam o xamanismo? Não existem xamãs entre nós? Outros são pessoas normais (14). Aqueles que Omam não queria que fossem xamãs, ele apenas criou. Ele escolheu outros, assim, "Você! Você vai ser xamã! Mas você aí não vai ser!" Hoje as pessoas são o que ele as mandou ser naquela época: "Só alguns de vocês vão ser xamãs!" Ele disse, "É assim que vocês vão ser!"

TRADIÇÃO CULTURAL - Quando Omam nos criou eles nos fez cantar, ele nos fez fazermos danças de apresentação e diálogos cerimoniais hiimu, ele fez as pessoas imitarem isso repetidas vezes e eles as fez ficarem uma após a outra. É por isso que nós permanecemos e continuamos a conduzir o diálogo cerimonial yaimu e a inalar o rapé yakoana. É porque os ancestrais que ele criou nos ensinaram durante todo esse tempo. "É assim que vocês irão permanecer!" É isso que os antepassados disseram. É por isso que nós permanecemos e ainda realizamos os diálogos yaimu, ainda fazemos festas reahu, ainda fazemos as danças de apresentação e ainda nos convidamos uns aos outros. Foram os ancestrais que nos ensinaram durante esse tempo todo, eles nos fizeram pensar direito esse tempo todo. Ainda conduzimos diálogos yaimu, ainda enterramos cinzas funerárias, como os antepassados fizeram por todos os tempos. Ainda enterramos as cinzas funerárias uns dos outros, ainda cremamos nossos ossos como eles nos ensinaram a fazer durante todo esse tempo, ainda fazemos tudo isso, como se pode ver. Quando as pessoas morrem, nós ainda cremamos seus ossos, os antepassados nos ensinaram a fazer isso. Assim como os ancestrais disseram durante todos os tempos, nós permanecemos para fazê-lo, por nossa vez. Os ancestrais nos ensinaram e nós ainda fazemos diálogos yaimu, ainda inalamos rapé yakoana, como se pode ver. Nós permanecemos e ainda inalamos esse rapé, sem parar. É porque os ancestrais nos fizeram pensar direito, por todo o tempo. Ainda enterramos nossas cinzas funerárias debaixo das fogueiras de cozinhar, não as atiramos fora. Foi assim que eles nos falaram para fazer, é por isso que ainda o fazemos. Não é verdade que ainda fazemos isso? Somos jovens e ignorantes, mas ainda falamos como eles falavam, é assim que ainda falamos sem parar, como os ancestrais, como eles falavam.

BRUCE ALBERT, 37, antropólogo francês recolheu os mitos ianomami
Tradução de **CLARA ALLAIN**

8. Literalmente, "imagens sobrenaturais de varas de ferro".

9. O risco de uma nova queda do céu é geralmente negado como ameaça presente, mas mesmo assim é mencionado como possibilidade para o futuro remoto.

10. Os ianomami dizem que é também através dessas fendas que as cobras, consideradas os animais preferidos dos Trovões, caem para a terra quando estão caçando no fundo do céu e se perdem.

Notas (mito 3):

1. Esse texto foi editado a partir de narrativas contadas por Ikahi em 1979, e comentários contados em 1989.

2. Iriartella setigera.

3. Camponotus sp., Grandes formigas pretas que fazem seus ninhos em caules ocos de bambu e palmeiras ou nos gargalos de cabaças. Os ianomami dizem que elas emitem um chamado, à noite, que pode ser ouvido a alguma distância de seus ninhos.

4. Os caules ocos horomasike eram usados como zarabatanas, que segundo se conta eram usados por feiticeiros okabe para assoprar substâncias maléficas sobre inimigos em aldeias distantes.

5. Heliconia cf. aurea. Grandes folhas parecidas com a folha da bananeira.

6. Esse diálogo cerimonial é dedicado principalmente à transmissão de notícias entre aldeias. Ele é realizado com convidados durante a primeira noite das festas reahu ou com qualquer visitante vindo de longe.

7. Esse diálogo cerimonial se dedica principalmente ao final de transações (econômicas e matrimoniais) e à resolução de conflitos. Também é conduzido durante o enterro das cinzas funerárias. Geralmente ocorre logo depois do wayamu e no final da festa reahu.

8. O reahu é uma festa cerimonial dedicada à comemoração de alianças entre aldeias e um ritual funerário. Seu nome deriva do verbo reauhuai, que designa a distribuição de alimentos cerimoniais durante a festa.

9. Esse diálogo cerimonial é usado para convites às festas reahu, e também é conduzido para pedir para um oficiante para enterrar cinzas funerárias ou para recrutar aliados para um ataque.

10. Literalmente, "fazer com que os nomes sejam dados uma vez, outra vez novamente, outra novamente".

11. Discursos proferidos por chefes de aldeias ianomami ou por conhecidos anciãos no começo da noite ou antes do nascer do sol.

12. "Fazer com que (um grupo) faça uma dança de apresentação" é uma expressão que é muitas vezes usada como sinônima de "convidar (um grupo) para uma festa reahu".

13. Esse rapé alucinógeno contendo triptaminas é geralmente usado pelos xamãs, mas também por todos os homens, só no final das festas reahu. É um pó marrom avermelhado preparado a partir de resina cristalizada ou pedaços secos da casca interior da árvore Virola elongata. Outros ingredientes costumeiros incluem cinzas da casca da árvore Elizabetha princeps e pó de folhas secas odoríferas Justicia pectoralis.

14. Literalmente, "pessoas que simplesmente estão ali".